

## Editorial

*Editorial*

**Vilmar Debona**

*Professor de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)*

*E-mail: [debonavilmar@gmail.com](mailto:debonavilmar@gmail.com)*

**A** *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer*, periódico da Seção brasileira da Schopenhauer-Gesellschaft e do GT Schopenhauer da ANPOF, publica a sua 13ª edição, o Vol. 7 - Nº 1, referente ao primeiro semestre de 2016.

Sete dos treze trabalhos que compõem o número foram apresentados em forma de conferência ou comunicação durante o *VII Colóquio Internacional Schopenhauer*, ocorrido na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, de 26 a 30 de outubro de 2015, e somam-se a outros trabalhos provenientes do mesmo evento já publicados no número anterior da revista. Nesse sentido, cabe agradecer uma vez mais aos professores Jarlee Oliveira Salviano e Kleverton Bacelar pela organização daquele evento, cujos frutos já estamos colhendo em forma de debate filosófico e de publicações.

O presente número é composto por onze artigos, uma tradução e uma resenha. Maria Lúcia Cacciola, em *Schopenhauer e a arquitetura*, problematiza a noção de arquitetura em Schopenhauer como a arte que lida com as forças mais primitivas da matéria - gravidade e resistência -, mas que nem por isso deixa de manifestar a ideia de que arte não é cópia, e que, devido a uma referência muito particular ao mundo tal como o representamos, aproxima-se da mais nobre das artes, a música. Com este artigo de Cacciola, damos prosseguimento ao debate sobre o tema da arquitetura no pensamento schopenhaueriano, que já foi objeto de análise de Gustavo Costa na edição passada. Por sua vez, Gabriel Valladão Silva, em *Newton, Goethe e Schopenhauer sobre as cores: entre qualidade e quantidade*, traça um panorama dos possíveis encadeamentos entre as reflexões sobre as cores dos três autores, tomando como fio condutor filosófico de análise a relação entre quantidade e qualidade.

Antonio Edmilson Paschoal, Jair Barboza e Bruno Martins Machado

abordam questões que, de alguma forma, relacionam os pensamentos de Schopenhauer, Nietzsche e Rée. No artigo intitulado *Entre a “characterologia” de Schopenhauer e o “tornar-se o que se é” de Nietzsche*, Paschoal investiga como a ideia de uma ambivalência da noção de sujeito pode ser notada na noção de caráter de Schopenhauer; e, em Nietzsche, na noção de um autoconhecimento presente especialmente em *Ecce homo*. Barboza, em *Metafísica e imanência em Schopenhauer com um olhar especial para Nietzsche*, mostra em que termos Schopenhauer define sua metafísica como imanente, projetando, a partir disso, um olhar especial a Nietzsche. Machado, em *A vaidade em Paul Rée: uma questão entre Nietzsche e Schopenhauer*, mostra em que medida uma relação psicológica entre os conceitos de “vontade de vida” de Schopenhauer e de “vontade de poder” de Nietzsche precisa passar pelo reconhecimento de que foi Paul Rée, em *Observações psicológicas*, quem forneceu os elementos que permitiriam a Nietzsche caminhar da noção de vaidade em direção ao conceito de vontade de poder.

Ruy de Carvalho, em *Pensamento único e repetição em Schopenhauer*, analisa aspectos teóricos e metodológicos relativos à metafísica da natureza do pensador com o objetivo de mostrar que a noção de “pensamento único” abre espaço para uma concepção de “repetição” que, por sua vez, permitiria vislumbrar uma “teoria dos mundos possíveis” em nessa filosofia e pensar noções como as de repetição e criação num debate com as cosmologias contemporâneas. Juliana dos Reis Cuenca, em *A necessidade metafísica do homem a partir da problematização do conceito de experiência em geral*, parte do que Schopenhauer chama de “método da filosofia” baseado em Platão e Kant para desenvolver a hipótese de que a necessidade metafísica do homem poderia ser entendida, também, como uma consequência da atividade da razão.

Davide Ruggieri, em *The metaphysics of conflict: some reflections on Schopenhauer’s politics*, defende uma nova interpretação da teoria política de Schopenhauer à luz da categoria de “conflito”, destacando, por um lado, a esfera representacional e, por outro, a esfera metafísica ou interna da referida noção de política. Gustavo Augusto Ferreira, em *“Aforismos para a sabedoria de vida”: uma obra de filosofia política?* reinterpreta a problemática sobre o estatuto teórico dos *Aforismos* e da eudemonologia ali proposta frente à tese da existência como dor e sofrimento, revisando os principais posicionamentos defendidos no Brasil sobre o

assunto e lançando a hipótese que toma o escrito sob um outro viés político. Em *O caráter inteligível como fundamento ontológico para a sabedoria de vida*, Dax Moraes desenvolve uma argumentação que toma a ontologia schopenhaueriana como chave para a compreensão do fundamento da sabedoria de vida, o que corresponde à ideia do caráter inteligível como condição ontológica do caráter adquirido. Em *O irracionalismo na teoria do conhecimento de Schopenhauer e na epistemologia de Paul Feyerabend*, Antunes Ferreira da Silva e Thalyta de Paula Pereira Lima investigam a possibilidade de certa aproximação entre a teoria do conhecimento de Schopenhauer e a epistemologia de Feyerabend mediante a questão do irracionalismo.

Claudia Assunção Dias resenha o livro *Dogmatismo e antidogmatismo: filosofia crítica, vontade e liberdade* (Editora UFPR, 2015), que consiste numa homenagem a Maria Lúcia Cacciola, foi organizado por um grupo de cinco ex-orientandos da homenageada e conta com a participação de vinte e nove autores estrangeiros e brasileiros.

Fechamos o número com a tradução de Jair Barboza do artigo de Matthias Kossler (presidente da Schopenhauer-Gesellschaft), intitulado *O puro sujeito do conhecer e a arte*, que foi apresentado como conferência de abertura do referido *VII Colóquio Internacional Schopenhauer*, em Salvador.

Votos de boa leitura!